

## O MARAVILHOSO NA LITERATURA DO GRAAL

*Vanessa Oliveira Nogueira de Sant'Ana*  
Graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
E-mail: nessa\_ons@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Identidade. Literatura do Graal. Maravilhoso. Sociedade Medieval.

A noção de imaginário implica em sistemas valorativos e abarcam os sentimentos, as heranças, os sonhos, os medos; enfim, expressam a maneira como os homens, em determinadas épocas, se relacionam dentro dos seus próprios grupos de referência e com os outros e como entendem o mundo que os cerca.

Embora ainda haja, entre os leigos, uma propensão a se considerar os mil anos da Idade Média como uma Idade das Trevas, pode-se afirmar que este foi um período complexo, controvertido e fecundo em todos os campos do saber. Especialmente nos séculos XII e XIII, houve um grande desenvolvimento no campo da economia, da demografia, das artes e das ciências. Estes séculos, de consolidação da Igreja Cristã e expansão dos seus tentáculos em diversos campos da vida temporal, assistem à diversificação da vida social e ao desenvolvimentos de novas formas de expressão cultural, a exemplo da cultura de cavalaria.

Segundo Flori (1990, p. 198), “do século XI ao XIV a cavalaria fabricou uma ideologia muito mais complexa, multiforme, cambiante e fascinante”. Neste complexo cultural identificado com a noção de cultura cavaleiresca, as formas de expressão do maravilhoso ganham magnitude e especificidade em relação à cultura dos clérigos.

O presente trabalho pretende identificar, na literatura de cavalaria, mais especificamente na obra *A Demanda do Santo Graal*, tradução do século XIII, para o galego-português, da *Queste Del Saint Graal* francesa, as diferentes formas de expressão do maravilhoso e refletir sobre a sua importância na sociedade europeia dos séculos XII e XIII.

Frente a uma realidade muito dura, marcada pela fome, pelas guerras e pela presença angustiante da morte, os homens da Idade Média se refugiavam dentro de um

mundo fantástico, cheio de aventuras, comumente marcado pela presença do maravilhoso. Como salienta Pastoreau (1989):

Quer sejam clérigos, cavaleiros ou camponeses, os homens do século XII raramente estão satisfeitos com sua existência. As realidades cotidianas são tristes, vãs, ingratas e enganosas. O mundo que os cerca é ilusório. Todos têm sede de um outro universo; de um novo reino em que o homem não tenha que se submeter aos caprichos da natureza nem aos imperativos de sua condição social; [...]; de um mundo idílico e longínquo (PASTOREAU, 1989, p. 155).

Segundo Pesavento (1995), toda sociedade produz suas representações da realidade. Representação sobre o que se passou, o imaginário aparece enquanto resposta às dúvidas ofertadas pela realidade. Tendo como documentos privilegiados as obras literárias e artísticas, o imaginário, enquanto imagem do real, também influencia essa mesma realidade. O imaginário é, na opinião de Morás (2001),

o conjunto composto de toda e qualquer construção mentalmente estruturada que se efetiva a nível das relações sociais e/ou da visão de mundo de forma a permitir uma apropriação do real. Todas as sociedades humanas são, de certo modo, socialmente imaginadas, porque dependem de criações fictícias para justificar os aspectos ontológicos e normativos de sua constituição (MORÁS, 2001, p. 21).

A partir desta perspectiva é que se deve considerar o maravilhoso que existiu no Medievo, assim como suas diversas significações, heranças e influências.

Segundo Le Goff (2002, p. 105) a civilização medieval era profundamente fascinada pelo sobrenatural e pelo extraordinário. O maravilhoso medieval adentrava as fronteiras do natural e do sobrenatural, além de por em questão as relações do homem com Deus, com a natureza e com o Diabo.

Há uma irrupção do maravilhoso nos séculos XII e XIII, que o faz adentrar todos os espaços da sociedade. Caracterizado pelo excepcional, produzido por forças e/ou seres sobrenaturais, o maravilhoso “não somente encerra um mundo de objetos, um mundo de ações diversas, como por trás dele há uma multiplicidade de forças” (LE GOFF, 1994, p. 50). Além disso, é imprevisível e pode ser percebido como um contrapeso da realidade vivenciada. Insere-se, pois, num mundo contrário ao do cotidiano.

O maravilhoso no Medievo está assentado sobre várias heranças pré-cristãs, bíblicas e da Antiguidade greco-romana, mas também das culturas orientais e célticas.

Le Goff (1994) compreende o maravilhoso como estruturado em três domínios distintos: o do maravilhoso propriamente dito, o do *miraculosus* e o do *magicus*. O maravilhoso propriamente dito diz respeito às formas pré-cristãs de expressão do sobrenatural; o *miraculosus* é identificado enquanto maravilhoso cristão, os milagres sendo sua mais perfeita materialização; e o *magicus* é o maravilhoso pertencente ao domínio do diabólico. Entretanto, ao longo da Idade Média, a Igreja cristã acabou por subordinar as várias formas de expressão do maravilhoso aos seus preceitos. Ocorre uma certa racionalização do maravilhoso, que perde muito do que possuía de extraordinário e mesmo de imprevisível. Ganham legitimidade as forma do maravilho que tem em Deus o único autor – embora possa contar com a interferência de um santo ou um anjo - e um fim já esperado: o milagre. Como salienta Le Goff (1994),

Quando o santo se encontra numa situação qualquer, sabe-se que ele realizará uma multiplicação dos pães, que ressuscitará um morto, que exorcizará um demônio. Dada à situação, sabe-se o que vai acontecer. Há todo um processo de esvaziamento do maravilhoso (LE GOFF, 1994, p. 50).

Complementarmente, ao *magicus*, domínio do diabólico, busca-se atribuir sempre uma finalidade maléfica e ilícita; e a sua consecução, afirma-se, dependerá da interferência dos demônios.

O maravilhoso chega aos homens de variadas maneiras, todas elas significativas como os sonhos, as aparições e a visão, em narrativas de viagens, reais ou não, ou mesmo em relatos de metamorfoses. Os lugares mais propícios à manifestação do maravilhoso são espaços desconhecidos ou longínquos, reais ou imaginários. Montanhas, ilhas, cidades florestas, rochedos, rios, fontes, nascentes, árvores, castelos, torres e túmulos, todos são lugares em que se encontra mais facilmente o maravilhoso:

O espaço da floresta, dos campos, dos jardins, do senhorio e da vila é a moldura, simultaneamente geográfica e imaginária, em que se enquadra a vida dos homens e das mulheres da Idade Média. Esses espaços, lugares de trabalho e práticas sociais, são altamente simbólicos, recheados de medos, desejos, sonhos e lendas (LE GOFF, 1994, p. 25).

Gigantes, anões, fadas, homens e mulheres com alguma deformidade; seres meio-humanos, meio-animais, como as sereias e os lobisomens; animais naturais ou imaginários, como o leão, o unicórnio, o dragão, são os seres que povoam esse maravilhoso. Além disso, alguns homens e mulheres comuns, mas que possuem objetos maravilhosos, dotados de algum poder, que acabam auxiliando o seu possuidor em alguma situação.

O maravilhoso afirma-se como elementos pertencentes a um mundo ao contrário, no sentido de compensar um mundo cheio de penúrias e restrições. Na expressão de Mabilille (apud LE GOFF, 1994),

Para lá do agrado, da curiosidade, de todas as emoções que as narrativas, os contos e as lendas nos dão, para lá da necessidade de distrair-se, de esquecer, de procurar sensações agradáveis e aterradoras, a real finalidade da viagem maravilhosa é... a exploração mais total da realidade universal (MABILILLE apud LE GOFF, 1994, p. 61).

Projeta-se ainda como a realização dos sonhos mais distantes. O homem dos séculos XII e XIII vivia sob o domínio da religião cristã, seus dogmas e práticas; entendia que o mundo era complexo e o homem constituído por corpo e alma, além de ser cheio de simbolismos, que muitas vezes se tornavam contraditórios. Enfim, “todas as concepções medievais do homem o intrigavam, de uma maneira ou de outra, na sociedade” (LE GOFF, 1990, p. 14).

Segundo os ideólogos da Igreja, a sociedade se organizava em um modelo trifuncional. Segundo essa concepção, os *oratores*, os *bellatores* e os *laboratores* eram os tipos humanos que se complementavam em um modelo ideal de ordem universal.

Dos três componentes do modelo trifuncional, aquele que se tornou o símbolo deste período, aquele sobre o qual mais se escreveu e especulou, foi o grupo dos *bellatores*. O relato das aventuras de cavalaria acabou por se constituir um importante fator de desenvolvimento da literatura medieval e possibilitou a preservação e difusão de uma matéria de fundo mítico.

Especialmente nas obras subordinadas ao que se convencionou chamar de Matéria da Bretanha, a literatura de cavalaria se apropriou do acervo de histórias orais e escritas, pertencente ao fundo patrimonial de cultura. Personagens míticos, como o Rei Artur e os cavaleiros da tábola redonda, reelaborados e cristalizados em literatura

escrita, sob o patrocínio e para a audiência das cortes europeias, tornara-se a expressão do que se pensava, sonhava e acreditava no seio da nobreza-cavalaria.

Os romances e novelas de cavalaria “com o círculo do rei Artur, as histórias de Merlin e a lenda de Tristão” (BENEDETTI; BOVO, 2002, p. 6), foram amplamente divulgados na Europa Ocidental, principalmente na França e na Grã-Bretanha. Por intermédio da literatura, a nobreza fez difundir um conjunto ético-teológico que sacralizava a prática militar. Criou-se uma ética cavaleiresca que difundia todos os preceitos necessários a um bom cavaleiro como coragem, fidelidade, sagacidade, bons costumes, ser amado e temido pelas “gentes” e, acima de tudo, estar a serviço da fé cristã. Segundo Raimundo Llull (apud NUNES; COSTA, 2005) as virtudes que deveriam acompanhar um cavaleiro seriam: a fé, a esperança, a caridade, a justiça, a prudência, a fortaleza e a temperança. Mas o modelo de corte apresentado pelos romances e novelas de cavalaria, estava absolutamente intrincado com o sobrenatural e o místico.

Não foi por acaso que o maravilhoso desempenhou tão grande papel nos romances cortesões. O maravilhoso estava profundamente integrado na busca de identidade, individual e coletiva, do cavaleiro idealizado. As provas do cavaleiro passam por toda uma série de maravilhas (LE GOFF, 1994, p. 48).

O aparecimento da matéria da Bretanha pode ser datado de 1135, data do aparecimento na Inglaterra da crônica intitulada *Historia Regum Britanniae* (História dos Reis da Bretanha), de autoria de Geoffrey de Monmouth. Monmouth, que pretendeu, com a sua crônica, fazer um registro histórico do reinado do rei Artur, publicou também um poema sobre o mago Merlin, *Vita Merlini*, já em 1148.

Após as obras Monmouth muitas foram as obras literárias que abordavam as aventuras dos cavaleiros do Rei Artur e, até o final do século XII, o mundo arturiano acabou por se tornar expressão do mundo cavaleiresco e cortês. Em 1155, Wace escreveu o seu *Roman de Brut*, livre tradução da *Historia Regum Britanniae*, e cujas personagens e as histórias tornaram-se a base de todos os romances posteriores que tratam sobre o universo do Rei Artur.

Dos autores arturianos, o autor mais conhecido, senão o grande autor do século XII, dos romances dedicados ao material bretão, foi Chrétien de Troyes. Seus romances são: *Erec et Enide*, *Cligès*, *Yvain* ou *Le Chevalier au Lion*, *Lancelot* ou *Le Chevalier à*

*la Charrette* e, por fim, *Perceval* ou *Le Conte du Graal*; este último interrompido por causa da morte do autor. Tendo Wace como maior de suas fontes, Chrétien de Troyes, impõe uma mudança decisiva à matéria arturiana, fazendo ultrapassar o seu caráter histórico e valorizando os aspectos míticos da matéria.

Esta mesma tendência, embora mais claramente influenciado pelo discurso cristão, segue-a Robert de Boron com a escrita de dois romances em verso: *Joseph* ou *Le Roman de l'Estoire du Graal* e uma *Estoire de Merlin*.

Data do século XIII a elaboração de dois ciclos em prosa que visavam a aglutinação das diferentes histórias pertencentes à matéria do Graal, mas como em Boron, que tomavam as aventuras do Graal como ciclo condutor da narrativa: o Ciclo da Vulgata e a *Post-Vulgata da matéria da Bretanha*. É da *Post-Vulgata* que advém o texto da *Demanda do Santo Graal*, tradução para o galego português da parte do ciclo destinado às aventuras dos cavaleiros do Rei Artur em busca da solução dos mistérios do Graal. A *Demanda do Santo Graal* é, pois, um manuscrito português do século XIII, uma adaptação das novelas francesas sobre o mundo encantado do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda, que pode ser encontrado no códice 2594 da Biblioteca nacional de Viena. Todavia, como salienta Mello (1992),

é mister não encarar esses trabalhos como meias traduções literais do francês, porquanto todos revelam tantos enxertos de material haurido em tradições diversas, como imprimem sentido e interpretações próprias aos episódios dos enredos arturianos (MELLO, 1992, p. 26).

A primeira edição da *Demanda* foi feita, de forma parcial, pelo lusófilo alemão Karl Von Reinhardstoëttner, em 1887. Posteriormente, em 1900, dois fragmentos inéditos da obra foram publicados por Otto Klob. De 1892 até 1929, muitas foram às tentativas malgradadas de publicação dos manuscritos, principalmente por parte da Imprensa da Universidade de Coimbra, assim como de análise dos mesmos, Somente em 1944, foi publicada a primeira edição completa do texto de *A Demanda do Santo Graal* pelo INL, sob os cuidados de Augusto Magne. Segundo Heitor Megale (*A DEMANDA DO SANTO GRAAL*, 1989, p. 13), a edição de 1944 “provocou interesse traduzido em elogios, críticas e anotações, tendo-se tornado igualmente objeto de pesquisas e estudos”.

Para a elaboração do presente trabalho tomamos como fonte a versão modernizada de *A Demanda do Santo Graal*, uma publicação da editora T. A. Queiroz, com a colaboração da Editora da Universidade de São Paulo, elaborada no ano de 1989, sob os cuidados do professor Heitor Megale.

*A Demanda do Santo Graal* trata das aventuras do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda que se lançam em busca de solucionar as aventuras do Santo Graal. A narrativa se inicia nas vésperas de Pentecostes em Camalote, no reino de Logres, onde os melhores cavaleiros do mundo se reúnem à tábola redonda. Na narrativa e julgamento das aventuras dos cavaleiros, a perspectiva moralizadora de orientação cristã se apresenta de forma corrente. A novela tem como ponto alto a conquista do Santo Graal por Galaaz, o bom cavaleiro espiritual e se encerra com o relato da decadência e fim do reino arturiano.

O cavaleiro na sociedade feudal, para ser respeitado, sai da tutela de seu rei para encontrar algo que o dignifique, pois a sua vida somente tem sentido de ele for em busca de alguma aventura. Na realidade, essas aventuras se resumiam a torneios, guerras ou caçadas. Nos romances, para vivenciar suas aventuras, muitas vezes os cavaleiros necessitavam da inferência de algum ente sobrenatural. Nas suas viagens tinham como destinos muitas vezes lugares nunca antes percorridos e os seus objetivos muitas vezes estavam norteados por demandas da ordem do sobrenatural.

Na *Demanda do Santo Graal*, a busca do vaso sagrado move os cavaleiros de Artur e o sucesso, nesta aventura, levaria ao reconhecimento dos melhores entre os cavaleiros. No caminho, donzelas, ermitões, castelos encantados, florestas, mesmo túmulos, todos situados no domínio do maravilhoso, permeavam as aventuras dos cavaleiros.

A aventura da espada sobre a pedra, objeto encantado que auxiliaria na identificação do melhor dentre os melhores, serviria para identificar, logo no início da novela, Galaaz como o melhor cavaleiro do mundo, aquele a quem estava destinado solucionar as aventuras do Graal. Pertencente ao domínio do maravilhoso propriamente dito, o objeto encantado tem aqui uma finalidade nobre e, embora não associado ao conceito de milagre, é valorado positivamente pelo autor da narrativa. Do mesmo modo, por interferência do sobrenatural, Galaaz recebe as suas demais armas: por exemplo, com o auxílio de um ermitão, recebe um escudo com poderes miraculosos. Com o

coração cheio de virtudes cristãs, Galaaz agrega valores positivos às aventuras maravilhosas que o farão consagrar-se como melhor cavaleiro do mundo.

É também do domínio do maravilhoso, mas pautado sobre uma simbologia cristã, a aventura do cervo branco, com a qual se depara Galaaz durante a Demanda:

E quando o clérigo chegou à secreta, viram uma coisa de que se maravilharam mais que de coisa que nunca tivessem visto, porque viram e assim lhes pareceu, que o cervo se tornou um homem e sentou-se sobre um altar numa cadeira muito formosa e rica. Depois viram outra coisa maravilhosa: os quatro leões se transformaram em figuras descomunais, um em figura de anjo, o outro em forma de leão mil vezes mais formoso do que antes era, o outro em figura de águia e o outro em figura de boi. E tinha cada um deles quatro asas grandes a maravilha pelas quais lhes semelhava que podiam bem voar, se quisessem (A DEMANDA DO SANTO GRAAL, 1989, LXI, 432, p. 332).

Próximo, por suas virtudes e ações, ao conceito de santidade, Galaaz não só combate com os cavaleiros, como também com os mortos, como na passagem em que soluciona as maravilhas de um túmulo de um pagão que muito mal fez aos que ali passavam:

Depois disto não esperou mais Galaaz, mas foi logo ao túmulo; e assim que chegou lá, ouviu logo uma voz de tão grande dor que maravilha era, e dizia assim:

- Ai, Galaaz, servo de Jesus Cristo, não te chegues a mim, porque me farás deixar este lugar em que até agora fiquei (A DEMANDA DO SANTO GRAAL, 1989, IX, 57, p. 65).

Mais próximas do conceito do miraculoso são as curas efetuadas por Galaaz por interferência do próprio Deus. Por exemplo, ao chegar a um castelo, Galaaz é informado de que uma mulher de alta posição se encontrava enferma há dois anos; em seguida, somente ao vê-lo a dama se apresenta curada:

As novas foram pelo castelo que sua senhora estava curada, e cada um foi lá como podia primeiro para ver se era verdade, e quando viram que era, bendisseram o Rei dos reis e a hora em que o cavaleiro fora nascido e iam pequenos e grandes à maravilha (A DEMANDA DO SANTO GRAAL, 1989, LV, 398, p. 310).



Dentre as muitas aventuras, a mais importante, entretanto, apenas reservada a uns poucos cavaleiros, e é aquela da ceia do Graal, anunciada por Merlin, por eremitas e homens bons, no decorrer da Demanda, como o destino final dos bons cavaleiros:

- Da demanda do santo Graal vos digo bem que tereis prazer e muita boa aventura e muito esforço e muita aflição e chegareis à casa do rei Pescador para terdes o santo manjar do santo Graal, e sereis lá doze companheiros dos bons a Deus e ao mundo, e lá tereis tão grande alegria e tão grande prazer que nunca tivestes (A DEMANDA DO SANTO GRAAL, 1989, XXV, 191, p. 161).

De natureza diferente é o encantamento lançado por uma donzela contra um cavaleiro para que este dormisse com ela:

E saibam todos que este conto ouvirem que aquele Elaim, o branco, foi filho de Boorz de Gaunes e o fez numa filha do rei da Grã-Bretanha. Mas antes que isto acontecesse, prometera Boorz a Nosso Senhor lhe guardar sua virgindade. Mas tão logo ela o viu, gostou dele desde então e amou-o; e depois enganou-o por encantamento, e dormiu com ela e fez ali aquela noite aquele que foi depois imperador de Constantinopla (A DEMANDA DO SANTO GRAAL, 1989, II, 14, p. 34).

Situado no domínio do mágico, este encantamento é apresentado como algo negativo, seja pela natureza do propósito que levou à ação, seja porque levou um cavaleiro a romper com o seu voto de castidade. São da mesma natureza as ações encetadas pelo próprio demônio quando ele aparece metamorfoseado para ludibriar os cavaleiros da demanda.

Do domínio do maravilhoso propriamente dito aparecem, na novela, inúmeras donzelas e, de um modo especial, as fadas. A floresta é o local privilegiado de manifestação do maravilhoso, assim como torres gigantes, fontes, naves e castelos encantados, e a solução de suas maravilhas impõe-se como tarefa aos bons cavaleiros, como no caso do Castelo Felão, sobre o qual adverte uma donzela:

- Senhores cavaleiros, voltaí, porque ides muito loucamente, pois não podeis sair sem a perda dos corpos, se mais adiante fordes porque este é o castelo Felão, de onde nenhum cavaleiro e nenhuma donzela, que entre, sai, antes ficam lá todos em prisão (A DEMANDA DO SANTO GRAAL, 1989, LXVIII, 496, p. 380).

Assim, apresentado sob a forma do maravilhoso propriamente dito, do *magicus* e do miraculoso, em *A Demanda do Santo Graal* o maravilhoso não se restringe a um sentido compensatório ou contestador. Como afirma Le Goff (1994):

O conto maravilhoso tem uma grande riqueza de significações. Inscreve-se na historicidade e as transformações dessas versões estão relacionadas com as grandes mutações de civilização, especialmente no tocante à vida cotidiana ao assédio do mundo natural por um mundo sobrenatural (LE GOFF, 1994, p. 64).

Se, por um lado aparece como realização e confirmação dos feitos dos homens bons, identificados pela sua proximidade em relação aos preceitos cristãos, servem, também, para mostrar um mundo bem mais diverso e surpreendente do que aquilo que comumente se identifica como o real.

## Referências

A DEMANDA DO SANTO GRAAL. *Manuscrito do século XIII*. Texto sob cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz; Editorial da Universidade de São Paulo, 1989.

BENEDETTI, Thais Lima; BOVO, Cláudia Regina. As vozes literárias na construção da Idade Média. *Revista Brathair*, 2002. Disponível em: <[http://www.brathair.com/revista/numeros/02.02.2002/vozes\\_literarias.pdf](http://www.brathair.com/revista/numeros/02.02.2002/vozes_literarias.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2010.

FLORI, J. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1990.

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1990.

\_\_\_\_\_. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

\_\_\_\_\_. Maravilhoso. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude (Coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2002. v. 2, p. 105-120.

MELLO, J. Roberto. *Cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992.

MORÁS, Antonio. *Os entes sobrenaturais na Idade Média: imaginário, representações e ordenamento social*. São Paulo: Annablume, 2001.

NUNES, Danielle Werneck; COSTA, Ricardo. As funções sociais e políticas do bom cavaleiro no Livro de Ordem de Cavalaria (c.1279-1283) de Ramon Llull (1232-1316). *Revista Mirabilia*, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com/numeros/num5/art9.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

PASTOREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.